

BETH MUNHOZ



Após pedir que a população exorcize o fantasma do golpe, Aureliano posou com Lara

Aureliano pede reza contra golpe

O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, disse ontem que os brasileiros devem exorcizar, benzer e rezar algumas Ave-Marias para que não haja golpes militares e o País possa encontrar soluções para os seus problemas sem alteração da ordem democrática. Caso uma intervenção ocorra, ele afirma que seria um atestado de incompetência dos políticos civis, demonstrando a sua incapacidade em resolver as graves questões nacionais.

Depois de reafirmar mais uma vez a sua posição pelos cinco anos e pelo presidencialismo, Aureliano disse que o presi-

dencialismo criticável é justamente aquele onde há exacerbção do Poder Executivo, que o deforma. afirmou ainda ser preciso muito cuidado e que os congressistas avaliem com segurança a forma de Governo que melhor se adapte à tradição do povo brasileiro. Acrescentou haver riscos de que se saia de um presidencialismo com o Executivo exacerbado para um parlamentarismo com o Poder Legislativo exacerbado.

Ao terminar a entrevista à imprensa realizada ontem no Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica

(DNAEE) o ministro pegou no colo a menina Lara França, filha da repórter Lisa França de "O Globo".

Quanto à possibilidade de o PFL ir para a oposição com o parlamentarismo, Aureliano disse que o partido está sustentando o governo Sarney porque é responsável por sua presença na Presidência da República. O problema, afirmou, é saber o momento que estamos vivendo e qual a responsabilidade que temos com o País. Acrescentou que o PFL só terá chances de disputar a eleição presidencial se estiver unido.

Brizola defende o plebiscito

Rio — O ex-governador Leonel Brizola, obstinado defensor do presidencialismo com quatro anos de mandato para Sarney, voltou a insistir ontem na proposta da realização de um plebiscito, para legitimar a eventualidade de uma decisão da Constituinte, instituindo o parlamentarismo como sistema de governo. Brizola poderá desembarcar hoje em Brasília para acompanhar de perto a votação no Congresso Constituinte.

Caso a decisão seja parla-

mentarista a estratégia de Brizola e do seu PDT é a seguinte: manterá a sua candidatura ao Planalto, independente da data da realização das eleições presidenciais diretas (ainda este ano ou em 1989). No bojo da campanha, sairá denunciando o parlamentarismo como um sistema que cassa o voto popular; e espera, eleito, promover uma consulta popular que reverta a decisão da Constituinte.

Brizola não reconhece legitimidade no atual Congresso pa-

ra decidir sobre a questão. Entende ser uma posição "causística e golpista" que, na ausência, representa um recurso do PMDB para chegar ao poder sem disputar eleições. Argumenta que não se pode modificar substancialmente um sistema de governo, por uma margem pequena de votos na disputa parlamentar. Na sua avaliação hoje existe um empate técnico entre presidencialistas e parlamentaristas.

Jânio exige bancada maior para S. Paulo

São Paulo — O prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, enviou ontem telex ao presidente da Assembléia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães protestando veementemente contra a "discriminação de nosso Estado na sua representação à Câmara dos Deputados". Segundo o prefeito, essa representação não tem qualquer correspondência com a população de São Paulo, "demonstrando prevenção manifesta a Estado responsável no

plano cultural e econômico pelas grandes realizações de trabalho em benefício de todo o Brasil".

Na sua mensagem, Jânio também lembra que Ulysses Guimarães "é paulista também e a injustiça agora cometida soa como um agravo, com prejuízo paratoda a nacionalidade, e pode ser corrigida a bem do interesse e do progresso gerais". E conclui: "São Paulo não depreca favores mas exige justiça".



Para Simonsen novo regime agrava crise

Recife — O ex-ministro da Fazenda e do planejamento, Mário Henrique Simonsen, previu ontem em Recife que, se a Constituinte aprovar o parlamentarismo, a crise econômica se agravará ainda mais porque o comando da economia voltará às mãos do PMDB cujo programa "Esperança e Mudança" pode ser muito bom para ganhar eleição" mas não serve para governar o País.

— Aliás, isso foi dito pelo próprio ministro Bresser, que é um histórico do partido e ajudou a redigir o seu programa — disse Simonsen. Ele lembrou que há coisas "fantásticas" no programa do PMDB, como por exemplo a defesa da moratória para a dívida externa, sem se esclarecer que medidas seriam tomadas como consequência da suspensão do pagamento da dívida aos credores internacionais.

Simonsen declarou-se contrário ao parlamentarismo por entender que esse sistema de governo só teria sucesso no Brasil se tivéssemos partidos políticos consolidados e com doutrina definida, uma máquina burocrática estável e um Banco Central independente do governo.

— Aqui — explicou — temos o PMDB que é um arco ideológico que vai da extrema-direita à extrema-esquerda. Como um sistema de gabinete poderia dar certo desse jeito? Na Itália, por exemplo, o gabinete cai toda hora mas em compensação continuam o secretário da Receita Federal e o presidente do Banco Central. E isso que falta ao Brasil.

Por outro lado, o ex-ministro levantou mais um argumento para explicar por que o parlamentarismo, mesmo sendo aprovado, está condenado a ter uma curta duração em nosso País: a eleição do futuro presidente da República pelo voto direto, que constitui uma aspiração nacional, além do desejo natural desse novo Presidente de não se transformar numa mera "rainha da Inglaterra".

Quércia articula votos

São Paulo — Tudo indica que o governador Orestes Quércia e o prefeito Jânio Quadros montaram um esquema comum de atuação junto as bancadas paulistas do PMDB e do PTB na direção do presidencialismo. Na última sexta-feira, no final da tarde, Jânio foi recebido pelo governador no Palácio dos Bandeirantes. A visita não estava agendada e foi marcada após um rápido telefonema do Ibrapuera ao Morumbi, perto das doze horas.

Quércia, durante toda a semana, fez declarações em defesa do presidencialismo como a melhor forma de governo para o País. Só na sexta-feira, o governador conversou com a imprensa em três ocasiões.

Ainda na sexta-feira, Quércia enviou telegramas aos deputados Ulysses Guimarães — presidente da Constituinte e do PMDB — e Roberto Rollemberg — coordenador da bancada paulista do PMDB, — solicitando o empenho de ambos na luta por votos presidencialistas.

No sábado, depois de inaugurar obra no interior do estado, Quércia mais uma vez defendeu suas posições e foi enfático ao afirmar que Ulysses Guimarães havia lhe "afirmado ser presidencialista, e que só não o fazia de público em função de seus papéis, como presidente do PMDB e da Constituinte".

De outro lado, o prefeito Jânio Quadros nunca escondeu sua postura, também a favor do presidencialismo, e jogou pesado ao ameaçar os paulistanos de nova renúncia, caso o parlamentarismo venha a ser aprovado.

O entendimento político que há entre Jânio Quadros e Orestes Quércia, sabe-se, vai além dos interesses administrativos. Tanto é que certa vez, no palácio dos Bandeirantes, Jânio declarou haver entre eles "um casamento indissolúvel, que não conhecia a instituição do divórcio".

Ontem, véspera da votação que poderá definir o novo sistema de governo do País, o governador Orestes Quércia recebeu vários deputados peemedebistas, como costuma fazer às segundas-feiras. Entretanto, estranha-se a presença entre eles de Farabullini Júnior, do PTB, que segundo informações palacianas, teria sugerido ao governador que a aliança montada com Jânio Quadros também valesse na disputa pela prefeitura da capital.

Além de Farabullini estiveram com Quércia os deputados Doreto Campanari, Paulo Zarzur, Michel Temer, José Camargo, Airton Sandoval, Francisco Amaral, Hélio Rosas e Roberto Rollemberg. Todos disseram ser presidencialistas.

Amazonino garante apoio

O governador do Amazonas, Amazonino Mendes, deixou hoje o Palácio do Planalto convencido de que o sistema presidencialista será aprovado pela Assembléia Nacional Constituinte, assim como o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. O governador garantiu para Sarney que nove dos 11 constituintes do Estado votarão a favor das posições do Governo.

Amazonino Mendes disse que não val fazer pressão para que os deputados Bernardo Cabral (PMDB/AM) — relator da Constituinte — e Beth Azize (PSB/AM) votem a favor dos

cinco anos e do presidencialismo, alegando que "essa palavra é proibida com ele, acrescentando, entretanto, que tem trocado idéias com todos os parlamentares estaduais, mas sempre respeitou a posição individual.

Argumentando que tinha ido conversar com o presidente Sarney por livre e espontânea vontade, Amazonino disse que era sua obrigação e seu dever participar das conversas, já que "está em jogo uma questão nacional muito séria. Eu governar um Estado e é muito normal" que defenda o seu ponto de vista.